

II – No princípio, jardim...

Era uma noite escura, sem lua. Num céu sem lua as estrelas brilham mais. Bem no meio do céu estava a constelação de Órion, o caçador, seu corpo cingido por um cinturão de três estrelas, as Três Marias, acompanhado dos seus cães, o Cão Maior e o Cão Menor, Sirius, a mais brilhante de todas as estrelas, brilhava na cauda do Cão Maior. De um lado, a constelação do Touro, com a estrela Aldebarã. Mais além as Plêiades, que a Cecília Meireles observava enquanto navegava:

Muitas velas, muitos remos,
âncora é outro falar...

Tempo que navegaremos não se pode calcular.

Vimos as Plêiades; vemos agora a Estrela Polar.

Muitas velas, muitos remos.

Curta vida. Longo mar...

A viagem da Cecília chegou ao fim. Agora, eu acho, ela ancorou seu navio nas Plêiades, ao lado da estrela do Pequeno Príncipe...

As estrelas são misteriosas. Pascal confessava sentir-se esmagado pelo seu silêncio. Essas mesmas estrelas que vemos foram vistas por homens e mulheres há milhares de anos. E elas continuam a brilhar, indiferentes.



Mestre Benjamin era um contador de estórias. Todos o amavam, especialmente as crianças que adoravam fazer perguntas. Sabem por quê? Porque, em vez de dar respostas às perguntas, ele inventava estórias...

Naqueles tempos antigos as noites eram escuras e silenciosas. Somente as estrelas e a lua iluminavam os céus. E, na terra, ouvia-se o barulho do vento, o piar das corujas, o uivo de algum lobo...

De noite, nas tendas, ardiavam as lâmpadas a óleo. Todos se reuniam na tenda do Mestre Benjamin para ouvir suas estórias.

A tenda do Mestre Benjamin estava cheia.

Uma menina que tinha estado a contemplar as estrelas levantou a mão e perguntou:

“Mestre Benjamin: Foi sempre assim ou as estrelas nasceram? Como foi que o universo começou?”

Mestre Benjamin fez silêncio. Seus olhos ficaram semicerrados, como se estivesse tentando ver algo que ninguém via. Depois de alguns minutos começou a falar. Sua voz era quase um sussurro.

No Princípio, antes que qualquer coisa existisse, antes que houvesse o Universo, o que havia era a Poesia.

Deus era Poesia.

A Poesia era Deus.

Deus e a Poesia eram a mesma coisa.

E Deus criou as estrelas para, com elas, escrever seus poemas nos céus...

(Prólogo do Evangelho de João, paráfrase)

“Os poetas sabem que tudo começa com a Palavra. Antes da Poesia, o que havia era um abismo escuro e só se ouvia o ruído das águas do mar sem fim agitado por um vento furioso. Tudo era sem forma e vazio. Não havia beleza, não havia música e nem estórias...

“Foi então que, de repente ouviu-se no meio do caos uma melodia: eram os sonhos adormecidos da matéria que vivam no fundo das águas e que acordavam do seu longo sono. E do fundo das águas lamacentas brotou o Lótus, a flor sagrada branca. E o caos, vendo a beleza do Lótus, ficou manso. A fúria se acalma diante da beleza. O mar ficou tranquilo. Ficou azul. O vento impetuoso tornou-se brisa. Do Lótus surgiu uma luz que espalhou pelo espaço as sete cores do arco-íris. E surgiram as galáxias, as estrelas, o Sol, a Lua. De noite brilhavam as estrelas. De dia brilhava o Sol. E entre o dia e a noite a Lua navegava pelo mar azul do céu.

“Mas tudo era grande demais. E a Beleza não gosta de coisas grandes. Ela então formou esse

pequeno lugar em que moramos, a Terra, para ali fazer sua obra mais bela: um jardim.”



Mestre Benjamin fez uma pausa, tomou um grosso livro de capa vermelha que estava sobre uma almofada ao seu lado esquerdo. Na sua lombada estava escrito com letras douradas: *Poesias*.

“Esse livro é diferente de todos os outros”, disse Mestre Benjamin. “Nos outros livros escrevem-se as coisas do Tempo. No livro da Poesia escrevem-se as coisas da Eternidade. Nele se encontram todos os poemas que se escreveram no passado, todos os poemas que estão sendo escrito no presente, todos os poemas que serão escritos no futuro. Os poetas não inventam. Eles são anjos que têm a graça de ler os poemas que estão escritos nesse livro.”

Mestre Benjamin fez uma pausa, folheou o livro de poesias, parou e começou a ler vagarosamente:

No mistério do Sem-Fim equilibra-se um planeta.

No planeta, um jardim.

No jardim, um canteiro.

No canteiro, uma violeta.

E na violeta,

entre o mistério do Sem-Fim e o planeta,

o dia inteiro,

a asa de uma borboleta.

(Cecília Meireles)

“Vejam. Tudo começa no mistério do ‘Sem Fim’. E termina na ‘asa da borboleta’, no jardim”.

Mestre Benjamin olhou os rostos dos que o ouviam. Seus rostos tinham as marcas do êxtase. Poesia é droga alucinógena. E continuou:

“Um jardim, Paraíso, lugar de delícias... E viu Deus que era muito bom... E Deus, que tinha um rosto de criança, riu de felicidade e disse: ‘Que bom lugar para se morar, eternamente’. E

deixando para sempre o céu vazio passou a viver no jardim, brincando à brisa fresca da tarde. Árvores, regatos, flores, pássaros, borboletas, perfumes, cores, sons, nuvens, chuva, frutas: esses eram os brinquedos do Deus criança.

“No Paraíso não havia templos porque Deus morava no jardim. No Paraíso ninguém rezava porque a Beleza era uma oração.”

Mestre Benjamin parou de falar. Tomou o livro de Poesias e leu:

Rezam meus olhos quando contemplo a beleza. A beleza é a sombra de Deus no mundo.

(Helena Kolody)

Leu e se calou por um longo tempo, observando os rostos das pessoas. Aí passou algumas páginas do livro e disse: “Daqui a muitos séculos vai nascer uma mulher solitária que sabia das coisas de Deus. O seu nome será Emily Dickinson. Ouçam o que ela escreveu:

“Alguns guardam o Domingo indo à Igreja – eu o guardo ficando em casa – tendo um Sabiá como cantor – e um Pomar por Santuário. – Alguns guardam o Domingo em vestes brancas – Mas eu só uso minhas Asas – e ao invés do repicar dos sinos na Igreja – nosso pássaro canta na palmeira. – É Deus que está pregando, pregador admirável – e o seu sermão é sempre curto. Assim, ao invés de chegar ao Céu, só no final – eu o encontro o tempo todo no quintal.”

Nesse momento Mestre Benjamin notou que algumas crianças já estavam dormindo no colo de suas mães. Era hora de todos dormirem. “Amanhã eu conto mais”, ele disse, pondo fim à sessão de estórias.

Todos foram para suas casas e sonharam que as estrelas eram borboletas nas pétalas das violetas do grande jardim do universo...

P L A T E R O E E U

Juan Ramón Jiménez, tradução Athos Damasceno, 1987, Editora Rio Gráfica Ltda.

06 A escolinha

Se frequentasses a escolinha, Platero, com os outros menininhos, aprenderias o ABC, e traçarias pauzinhos. Saberias tanto quanto o burrico de louça – o amigo da Sereiazinha do Mar, que aparece coroado de flores aquáticas através do mesmo cristal por onde também ela surge, toda rosa, carne e ouro, em seu verde reino. E mais ainda do que o médico e o vigário de Palos, Platero.

Mas, embora não tenhas mais que quatro anos, como és crescido e rude! Em que banco irias sentar-te, em que carteira irias escrever, que cartilha e que lápis te dariam, em que lugar da ciranda irias brincar?

Não. D. Domitila – hábito de nazareno, todo roxo, e mais o cordão amarelo, igualzinha ao Reyes, o peixeiro –, D. Domitila te poria de castigo, ajoelhado, duas horas pelo menos, no meio do pátio dos plátanos, ou te daria bolos com a régua, ou comeria tua merenda, ou te pespegaria um tição na cola ou te deixaria as orelhas em fogo e sangue como as do filho do correio quando se põe a reinar...

Não, Platero, não. Vem comigo. Eu te ensinarei coisas sobre as flores e as estrelas. E ninguém rirá de ti, como de um menino bobalhão, nem te enfiarão, como se fosses o que eles chamam de burro, a carapuça com duas órbitas circundadas de azul e vermelho, como as vigias das barcas do rio, e mais duas orelhas que são o dobro das tuas.

07 O louco

Todo de preto, a barba de nazareno e meu pequeno chapéu negro, decerto apresento um aspecto estranho, cavalgando Platero, macio e cinza.

Quando, indo para os parreirais, passo pelas últimas ruas, brancas de cal e sol, os ciganinhos sujos e cabeludos, quase nus, em suas maltrapilhas roupas verdes, vermelhas e amarelas, as barrigas grandes tostadas, correm atrás de nós, gritando ruidosamente:

– Olha o louco! Olha o louco! Olha o louco!...

...Além, estende-se o campo, já verde. Diante do céu imenso e puro, de um anil ardente, meus olhos – tão distantes de meus ouvidos! – se abrem gravemente, recebendo, em toda sua quietude, essa paz sem nome, essa serenidade divina e harmoniosa que vive nos horizontes sem fim.

E perdem-se, lá longe, por detrás das ciras altas, os gritos agudos, agora entrecortados e vagos, quase inaudíveis:

– Olha o lou... co! Olha o lou... co!...

12 O espinho

Entrando no poteiro dos cavalos, Platero começou a mancar. Apeei.

– Homem, que te aconteceu?

Platero, quase sem tocar com o casco a areia ardente do chão, erguera

um pouco a pata direita, mostrando-me nela um espinho.

Com maior solicitude, sem dúvida, do que a do velho Darbón, seu médico, virei-lhe a pata para cima e olhei o pequeno acúleo ensanguentado. Era um espinho longo e verde, de laranjeira, como um fino estilete de esmeralda. Penalizado do sofrimento de Platero, arranquei o espinho. E levei o pobrezinho ao arroio dos lírios amarelos, para que a água corrente lhe lambesse a pisadura, com sua língua generosa e pura.

Depois, tocamos rumo ao claro mar, eu adiante, ele atrás, rengueando ainda e dando-me leves cabeçadas nas costas...

13 As andorinhas

Aí está ela de novo, Platero, negrinha e viva em seu ninho cor de cinza no nicho da Virgem de Montemayor – ninho sempre respeitado. A coitadinha está como que assustada. Parece-me que desta vez se enganaram as pobres andorinhas, como também se enganaram as galinhas, a semana passada recolhendo-se aos poleiros quando, às duas horas, se deu o eclipse do sol. Este ano a primavera dispensou-nos a gentileza de acordar mais cedo, porém teve de resguardar novamente, tiritando, a cândida nudez no leite nublado de março. Dá pena ver marcharem, ainda em botão, as flores virginais do laranjal.

Já estão aqui, Platero, e andorinhas

que hoje chegam em silêncio, ao contrário dos outros anos, quando, logo no primeiro dia, já vinham saudando a todo mundo, com sua algazarra incessante e seu estrídulo gorjeio. Contavam às flores o que haviam visto na África, suas duas viagens por mar rente às águas, com as asas por vela, ou nas enxárcias dos barcos; de outros ocasos, de outras auroras, de outras noites estreladas...

Não sabem o que fazer. Voam em silêncio, desorientadas, como andam as formigas, quando uma criança lhes pisa e desmancha o carreiro. Não se animam a subir e descer pela rua Nueva, em trespassante linha reta, com aquele floreio no fim, nem a entrar em seus ninhos, nem, como nas clássicas gravuras e vinhetas, a pousar nos fios do telégrafo que o vento norte faz zunir, junto aos isoladores de vidro... Vão morrer de frio, Platero!

15 O potro castrado

Era negro, com reluzentes cambiantes escarlates, verdes e azuis – como os escaravelhos e os corvos.

Em seus olhos acendia-se, às vezes, um clarão tão vivo como o do panelão de Ramona, a vendedora de castanhas da praça do Marqués.

Como estrepitava, em seu trote curto, quando, vindo da arenosa Friseta, entrava, airoso, pelo calçamento da rua Nueva! Como era ágil e nervoso, e como foi esbelto, com sua

cabeça pequena e suas pernas delgadas!

Cruzou garbosamente a porteira baixa da taberna, mais negra do que ele, sob o rubro sol – o andar desempenado, jovial com todas as coisas.

Depois, saltando a vara da cancela, encheu de alvoroço o poteiro todo verde, com o cacarejar das galinhas e o ruflar de asas dos pombos e pardais.

Esperavam-no ali quatro homens – os braços peludos cruzados sobre as camisetas de cor. Levaram-no para baixo da pimenteira. Depois de uma luta áspera e breve, amansadora a princípio, brutal em seguida, jogaram-no ao solo coberto de esterco. E Darbón, sentado sobre ele, cumpriu seu dever de ofício, pondo-lhe fim à varonil e mágica beleza.

*Try unus’ d beauty must be tomb’ d with thee, which used, lives th’ executor to be ** – disse Shakespeare a seu amigo.

O potro se transformou no cavalo manso, suarento, extenuado e triste. Um só homem o levantou e cobriu-o com uma capa, levou-o, Lentamente, rua abaixo.

Pobre farrapo inútil, ontem raio temperado e rijo! Ia como um lírio desencadernado. Parecia que já não estava sobre a terra e que, entre suas patas e o solo, um elemento novo o isolava – transmutado em alguma coisa sem sentido – assim como uma árvore desenraizada, vaga lembrança na manhã primavera – perfeita, violenta e luminosa.

“Acostuma-te e sobrevive à tua beleza não utilizada.” * Não só ambos estes últimos versos são de difícil entendimento e tradução, mas o Soneto 4 todo! Tentem...